

# ENTREVISTA COM ROSIVAL LOURENÇO

Sophia Maciel da Silva Barros<sup>1</sup>

Pâmella Souza dos Santos<sup>2</sup>

Marcelle Rayra Alves da Silva<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Graduanda do 8º período de Letras Português pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) dos cursos de Letras. Pesquisadora voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) realizando pesquisa na perspectiva da Análise do Discurso. ORCID:

<https://orcid.org/0009-0009-0574-7748>

<sup>2</sup> Graduanda do 8º período de Letras Português pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Letras. ORCID: <https://0009-0002-0646-2583>

<sup>3</sup> Graduanda do 8º período de Letras (Português) pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, Professora em Formação Inicial no Projeto Casas de Cultura no Campus (CCC) da Universidade Federal de Alagoas. ORCID:

<https://orcid.org/0009-0001-5255-721X>

Rosival Lourenço é um escritor alagoano contemporâneo que acumula mais de 6 publicações, entre romances e contos. Além disso, também está sendo pesquisado para o Acervo de Escritores e Intelectuais

Alagoanos, projeto de extensão vinculado à Faculdade de Letras. Extensão esta que objetiva buscar e catalogar informações sobre os acervos já existentes de literatura alagoana, bem como visa aproximar e integrar os escritores e intelectuais na Universidade por meio de entrevistas e encontros. Segundo Rosival, sua escrita bebeu em fontes rosianas, assim, o autor demonstra verdadeiramente sua inspiração no escritor João Guimarães Rosa, sobretudo na obra *Grande Sertão: Veredas*.

A entrevista foi realizada no dia 16 de fevereiro de 2024 via *Google Meet*, contando com a presença do escritor e das três entrevistadoras, as quais eram discentes da turma de Atividade Curricular de Extensão 5 (ACE 5). O objetivo da disciplina é fruto da extensão Acervo de Escritores e Intelectuais Alagoanos, coordenada pelo professor Nivaldo Farias. Dito isso, a transcrição da entrevista está disposta nas linhas abaixo.

**Sophia Maciel:** Olá, Rosival. Boa tarde, hoje estamos aqui eu, Sophia Maciel, que sou estudante da graduação em Letras – Português, atualmente estou no sexto período, para falar um pouquinho com você, conversar e também te incluir nesse projeto que é o Acervo de Escritores e Intelectuais Alagoanos, vinculado à Faculdade de Letras e tem como organizador principal o professor Niraldo, e como colaboradores nós da disciplina de Atividade Curricular de Extensão 5. Nessa primeira etapa do projeto a gente está realizando entrevistas com escritores, também, posteriormente, vamos a bibliotecas para pesquisar o que tem de literatura alagoana nas bibliotecas alagoanas, saber como está funcionando esse acervo mesmo, o que é que existe, o que falta, se tem uma boa organização. Depois a gente vai fazer um ensaio sobre alguma obra do escritor que estamos pesquisando, no seu caso, temos essas duas em mãos (*Pelos engenhos* e *Sabalangá*), que você conseguiu nos apresentar e vamos fazer um ensaio e continuar pesquisando mais sobre a sua obra. Vou pedir para as meninas se apresentarem e, logo depois, você faz também uma breve apresentação e a gente inicia com as perguntas.

**Pâmella Souza:** Oi, eu sou a Pâmella. Eu também estou no sexto período de Letras – Português e estou também com a Sophia e com a Marcelle no grupo fazendo esse acervo, que tem uma proposta muito interessante, vai ser um trabalho bem legal de fazer.

**Marcelle Rayra:** Oi, oi, boa tarde. Eu sou a Marcelle, também no sexto período, a única diferença das meninas é que eu faço o noturno e as meninas fazem vespertino, mas tudo a mesma coisa. Também estamos acompanhando a disciplina juntas, justamente para compor, como a Pâmella e a Sophia já falaram, esse acervo dos escritores alagoanos.

**Rosival Lourenço:** Eu sou Rosival. Sou formado em Letras, sou professor e moro em Maceió, mas sou do interior. Gosto muito de escrever, tenho alguns livros publicados, entre os quais eu posso citar *Pelos engenhos* e *Sabalangá*, mas, daqui a pouco, apresentarei a vocês uns outros livros.

**Sophia Maciel:** Agora acho que podemos começar com as perguntas. Apesar de a gente ter um roteiro, acho que vão surgindo coisas também que o próprio diálogo vai puxando. E a gente vai conversando aqui, dividimos em dois blocos, uma parte sobre o

seu processo de escrita mesmo, de autoria, e a outra que é mais foca em *Pelos engenhos*, já que a gente já teve um contato maior com essa obra. Depois vamos ler outras obras suas, se tudo der certo, mas a princípio a gente vai fazer umas perguntas sobre *Pelos engenhos* e também sobre o seu processo de escrita. Pâmella vai iniciar com essas perguntas e a gente vai aqui interagindo.

**Pâmella Souza:** Na verdade, a primeira pergunta que eu anotei, quando a gente soube que tinha que fazer a entrevista, foi: como você lida com o bloqueio literário no processo de escrita? E eu pensei nisso porque eu também escrevo, só que eu escrevo mais poesia, crônicas, mas quando eu escrevo história mesmo, para iniciar, para mim já é difícil, tipo a primeira frase, agora quando eu começo a escrever, que vai passando os capítulos, de repente eu não consigo mais escrever, por conta do bloqueio literário. Como é que você lida com isso?

**Rosival Lourenço:** Olha, hoje, para mim, o bloqueio literário é muito normal, tanto na questão da escrita, quanto da leitura. No início, eu me cobrava muito pela necessidade de produzir literatura, de escrever. Hoje, há momentos em que eu nem quero escrever, porque eu acredito que é como no processo de gestação, tem que ter a época do flerte, do olhar; tem que ter a época do namoro, do noivado; e a gente, às vezes, quer acelerar, quer escrever um livro, lê uma obra e quer escrever um livro, e, às vezes, não é bem assim, a gente tem que esperar, tem que se dar o luxo de ser bloqueado, porque ser bloqueado é bom, nos faz despertar que nós não somos tão bons assim. Então, às vezes eu tô lendo e não estou entendendo nada, porque estou preocupado com dívidas, preocupado com saúde, preocupado com emprego, preocupado com tanta coisa. Hoje, para mim, é um processo muito normal, e é até bom ser bloqueado pra que você possa perceber algumas questões. Porque literatura não é quando você está pronto, literatura é quando você está buscando uma ideia, buscando um objetivo. E para quem você quer ler, para quem você quer escrever, então, geralmente, eu leio para que eu possa me inspirar. Ler, ler não é um processo obrigatório como escrever, eu penso que é assim.

**Sophia Maciel:** E percebi na sua fala que você comparou um pouco com a vida mesmo, por exemplo, isso do flerte e depois você falou que tem essas atribuições da vida. E que lógico, não é uma coisa separada, a sua vida de escritor e a sua vida Rosival, digamos assim, é uma pessoa só, então essas coisas acabam se interpelando. Você tinha

dito que era do interior, você é de Viçosa, é isso? E o livro se passa lá, tem toda essa atmosfera. A gente ficou pensando, eu fiquei pensando em como existe, e se existe, um “quê” de escrevência, de histórias que te contaram e que você ficcionalizou para esse livro. Fiquei pensando no que existe de escrevência, talvez, se você não adotar esse termo, mas se existe um pouco assim, de sua vida e de coisas que te contaram, de experiências dentro das suas obras.

**Rosival Lourenço:** Escrevência, acontecência. Porque as coisas aconteceram ou não, e fica esse dilema. Acho que escrever é um pouco de tudo isso, alguns escritores mentem quando dizem que aquilo não aconteceu com eles, talvez, na imaginação deles, talvez nos sonhos, porque a nossa vida não é o que acontece no plano real, enquanto nós sonhamos também aquilo faz parte de nossa vida. E os sonhos, a imaginação, é parte da vida de uma pessoa. Talvez ela não consiga narrar como foi aquele sonho porque a gente esquece, ou aquela imaginação, porque a gente não tem a capacidade de ser tão organizado em relação à escrita. Então a gente mistura o que aconteceu, mistura o que não aconteceu, mistura o que inventa, mistura o que imagina, pega ovos, pega massa, pega tudo isso e faz um bolo. Então, as convivências, as imaginações, que é o processo de escrita, leitura e revisão. Escrita, leitura, revisão. E você fica o tempo todo escrevendo, lendo o que você escreveu, revisando e se cansa, e depois começa a ver que não teve mais ideias e acha que aquilo que você escreveu é muito ruim. Até que um professor seu liga para você e diz: “Oh, meus alunos estão lendo a sua obra”. E você fala: “Nossa, que bacana”. Porque a ideia inicial não era essa, a ideia inicial era apenas escrever o que você presenciou, o que você ouviu, o que você imaginou, o que você sonhou. É mais ou menos assim.

**Sophia Maciel:** Você falou um pouco de invenção e *Sabalangá*, que eu tava passando o olho aqui, na epígrafe, a gente já vê um trecho de Manoel de Barros: “*Há histórias tão verdadeiras que, às vezes, parece que são inventadas*”. A maneira como você fala da invenção é bem interessante, e pelo visto tem muito de invenção aqui que você falou, não sei se é um universo mais, assim, místico, mas você falou também que é bem pesado, em *Sabalangá*. Só que em outro momento a gente fala sobre isso. Uma próxima pergunta, que é uma coisa até que a gente vinha conversando antes de começar mesmo a entrevista, que é sobre a presença desses versos em *Pelos engenhos*. Tem uma presença muito firme desses outros gêneros, como a poesia e também a canção. Como funcionou esse processo criativo e de escrita na interação entre gêneros que é tão

marcante no romance, falando do gênero romance enquanto uma visão bakhtiniana, e no seu romance?

**Rosival Lourenço:** Eu sempre gostei de escrever, desde pequeno, mas escrevia historietas, escrevia contos, às vezes sem ligação, sem coesão, sem coerência, sem nexos. Então, quando eu fui aluno do Nivaldo, quando eu conheci o Nivaldo, que para mim era um fenômeno, Nivaldo para mim era um ser, e hoje para mim ainda é muito inteligente. E nas aulas de literatura eu pude mergulhar no universo, realmente, que havia um debate, os alunos debatiam. Então, houve um projeto do Nivaldo com *Os sertões*, de Euclides da Cunha, nós fazíamos seminários, nós fazíamos ensaios, mas quando Nivaldo começou a trabalhar em *Grande Sertão: Veredas*, foi xeque-mate, eu me deixei vencer pelo encanto do Guimarães Rosa, e tive a vontade de escrever um conto, porque eu não tinha a capacidade para escrever um romance. Aí escrevi um conto bem bonitinho, e eu disse “Nossa”, aí fui mostrar ao Nivaldo, e ele: “Rosival, transforme *Pelos engenhos*... [que não era *Pelos engenhos*, tinha outro nome] em um romance”. Aí eu trouxe muito a questão dos versos, da questão das canções, da poesia do Camões, para a narrativa. Hoje, talvez, eu repensasse um pouco essa estratégia, mas *Pelos engenhos* é mais ou menos uma tentativa de imitar o Grande Sertão, que pra mim é o melhor livro, aí como eu sou fã do Guimarães e do Ariano Suassuna, trabalhei um pouquinho essa questão, por exemplo, da onça caetana, que é do Ariano Suassuna, e eu criei a onça caiana, que é uma onça que tinha um sagui em seu dorso, que comia os carrapatos, os piolhos da onça. Então tudo foi mais ou menos imitado, porque a gente fica o tempo todo imitando, imitando gestos, imitando a voz, a fala, nós somos, na verdade, grandes imitadores. E *Pelos engenhos* é isso: uma narrativa que traz um pouquinho do lírico, talvez o lírico popular, através das canções. Mas foi mais ou menos isso.

**Marcelle Rayra:** Eu tinha separado duas perguntas, e aí o senhor já respondeu as duas nesta mesma resposta. Meninas, peço até licença para poder antecipar já a pergunta sobre o livro, que foi justamente essa de que dá pra ler, quando a gente vai lendo, vai percebendo alguns traços da escrita semelhantes aos de Guimarães Rosa, tanto por ser um romance regionalista também, e também de Graciliano, né, por tratar disso. E a minha pergunta era justamente se o senhor fez um trabalho imersivo nas obras deles ou se não foi intencional, se o senhor acabou não percebendo, mas acredito que tenha sido um pouco dos dois.

**Rosival Lourenço:** Olha, Marcelle, se você disser assim, que a gente pode se dar ao orgulho, eu não sei outra palavra, de se comparar ao Graciliano, a gente vai cometer um grande erro. Porque o Graciliano era perfeito, ele não abria espaço para dialogismos, e eu acho que eu não poderia nem me comparar com a sombra do Graciliano, que ele era perfeito, ele era muito clássico. Mas se você disser: “Rosival, e o Guimarães?”. Aí sim, porque no Guimarães a gente pode inventar uma palavra, por exemplo uma colega de trabalho tá lendo *Sabalangá* e disse: “Rosival, essa palavra ‘gentes’, você diz ‘muitas gentes’, existe? Porque ‘gente’ já é coletivo de uma pessoa, né?”. Eu disse: “Olha, pra mim, a palavra devia ser ‘gentes’, que dá a ideia de muitas pessoas. E o *Sabalangá* tem muito “as gentes falaram”. Então assim, a gente começa a se apossar de neologismos ou de neologismos que a gente cria, o leitor acha bem legal e aquilo começa. Com o Graciliano, ele não dá espaço pra isso, eu já li algumas obras do Graciliano, inclusive, a ideia de *Pelos engenhos* foi ideia do Graciliano, em relação a *Vidas Secas*, que era um conto. Então *Vidas Secas* era um conto e eu disse “Nossa, que ideia bacana do Graciliano”. Eu tinha um conto e desse conto nós temos hoje como resultado *Pelos engenhos*. Então assim, eu me inspirei muito, muito mesmo, no Guimarães Rosa, até pela questão de me apossar dos erros que a literatura permite. Hoje, ser clássico é um tédio, hoje, ser clássico é um saco. Aí você que escreve no *Instagram*, no *WhatsApp*, eu mesmo, escrevo tão errado no Instagram. Mas eu acho muito massa quando as pessoas escrevem, por exemplo, casa com “z”, porque a gente se permite isso em meio social, no *Instagram*, no *WhatsApp*. Guimarães Rosa também nos dava essa possibilidade de errar muito com um certo capricho, com responsabilidade. O Graciliano não, o Graciliano não dava margem pra isso. Então, *Pelos engenhos* é, se você pegar uma roupa, quando você pega e faz assim [gesto de espremer uma roupa], quando você vai lavar uma roupa e faz isso aqui [repete o gesto de espremer uma roupa], não sei como é que vocês falam isso aqui.

**Sophia Maciel:** Espreme?

**Rosival Lourenço:** Espreme, espreme. Se você espreme *Pelos engenhos* sai Guimarães Rosa e Ariano Suassuna, pelos menos, assim, no que eu tentei, no que eu objetivei.

**Marcelle Rayra:** Ah, perfeito. Nossa, isso é muito bom, quando fica um pouco de cada um na obra mesmo. Mas, realmente, isso que o senhor falou de pegar um pouco

do Guimarães, de criar novas palavras, a gente percebe muito isso, né. E, realmente, dá um pouquinho de pertencimento mesmo, essa questão de a gente utilizar palavras diferentes. Hoje em dia a gente tá tão acostumado a falar as palavras assim errado e o pessoal julga tanto a gente, né, quando a gente fala errado, mas é algo tão comum. Então, assim, bom mesmo, a gente se acostuma. Referente a isso, o senhor falou essa questão de que o senhor começou a se inspirar no Guimarães, só que o senhor também falou que começou a escrever já de novinho. Então, a minha pergunta agora é: como o senhor começou a escrever? O que foi que inspirou o senhor a começar a escrever mesmo?

**Rosival Lourenço:** É, deixa só eu acrescentar algo. O *Pelos engenhos* é uma narrativa em primeira pessoa. Então, quem está narrando é um jagunço, um cangaceiro, é um vaqueiro. Então, ele está fazendo o uso da fala, de experiência de vida dele. Então, os erros são dele. Eu não sei se vocês conseguem. Eu, como escritor, não posso errar, mas as minhas personagens, que são bem populares, que não tiveram contato com a escola, que não estudaram na universidade, elas podem errar. Então, o cavalo do cão, ele narra a experiência que ele teve, comete alguns erros. Então, quando eu narro, como escritor, quando escrevo algo, eu falo, por exemplo, a palavra “urubu”, quando a personagem fala já é “arubu”. Então, as personagens falam como pessoa que realmente existiu naquela narrativa. O escritor, não, então, se vocês lerem outras obras minhas, pelo amadurecimento, o *Sabalangá*, por exemplo, você vai ver claramente que há palavras, por exemplo “tristeza”, a personagem fala “tristice”, falam “tristezura”. Porque elas não conhecem as palavras corretas e nós temos que ter esse cuidado todo de discernir entre quem escreve e quem está narrando a história, que são estratégias literárias. Mas eu não lembro a tua pergunta, viu? Me desculpa.

**Marcelle Rayra:** Eu ia fazer ela de novo, mas agora eu tive uma outra dúvida. Essa questão de utilizar as palavras justamente erradas pra personagens é intencional justamente para representar a fala regional, ou só foi algum recurso que o senhor escolheu naquele momento para a escrita?

**Rosival Lourenço:** Pode ser as duas coisas, né? Porque o escritor precisa ter uma segurança literária. Ele precisa ter uma segurança de que está dentro das normas, das normas de escrever, das normas de se usar os símbolos. Ele precisa ter essa consciência. Mas imagine só, Marcelle, você está escrevendo, você tem um livro e a sua bisavó que

veio lá do interior, onde não tinha nada. Imagina ela falando tudo certinho, imagina só, senão fica estranho. Então a obrigação de escrever e de falar certinho é de quem está escrevendo. Aquelas personagens dos sertões, elas têm que falar errado mesmo. Elas precisam falar errado. Então é estratégico porque você precisa dizer “não, o escritor não erra”, esse erro é da minha personagem. Quando o Ariano Suassuna escreveu o *Auto da Quaresma* perguntaram pra ele “Bem, essa história do cavalo foi de fulano de tal, essa história do caso foi disso. E você escreveu o quê?” e ele: “Escrevi o livro”, porque ele pegou vários elementos do cordel, da literatura. A tira de couro nas costas, pegou do Shakespeare, em várias situações dos livros do Ariano Suassuna, ele pegou de outros. Ele estava seguro de que se apossou disso porque ele podia se apossar. Ele não disse que aquilo era dele. Então, quando a gente escreve, pelo menos assim nos meus livros, têm muitos, alguns personagens que não sabem nem como escrever o nome, mas têm uma experiência de vida vastíssima. E aquela pessoa vai falar de acordo com o seu conhecimento. Já imaginou você num livro clássico e tem a palavra, por exemplo, “bassoura”. Antigamente, no interior, se falava “bassoura”, né? Então, eu sei que é vassoura, mas minha personagem não sabe que é vassoura, ela não vai conseguir falar, ela sabe que é “bassoura”. E as duas pela linguística, ela permite essa transgressão da linguagem. As duas estão corretas.

**Marcelle Rayra:** Perfeito! A pergunta que eu tinha feito antes era sobre como o senhor começou a escrever. O que lhe inspirou a começar a escrever?

**Rosival Lourenço:** Olha, eu sempre fui um jovem...muito solitário. Tive uma infância maravilhosa, na beira do rio, jogava futebol, mas em algum momento senti uma solidão que eu só percebi em um livro que li no colégio quando comecei, e aí percebi que aquilo ali de certa forma fez bem, me fez sentir feliz. Foi um do Marcos Reis chamado *Pinheiro do Céu*. E, quando eu li, disse: “meu Deus, que universo é esse que eu me senti aceito, que eu me senti incluído, que não me julga?”. Então, a partir dali, comecei a escrever alguns poemas. Porque vieram as paixões, vieram as decepções, pequenos poemas, pequenas letras de músicas infantis, já que eu também tinha sobrinhos. Começou assim, até que um dia eu experimentei a narrativa através de contos curtos. Nas aulas, na época, a gente não tinha computador, era tudo datilografado, a gente datilograva e à noite mostrava ao Nivaldo. O Nivaldo ficava sempre me incentivando, ele era um baluarte pra mim, né? Ele é um salvador. Eu tenho muito respeito por ele, foi ele quem despertou a isso, me incentivando “Continua,

Rosival, você tem um estilo Camoniano”, porque eu tenho cuidado nos sonetos, né. Quando eu experimentei a narrativa, eu me identifiquei mais com a narrativa do que com a poesia, com os versos, mais ou menos isso, foi necessidade, porque eu tinha me encontrado e também aquilo me ajudava a enfrentar uma situação difícil, enfrentar os fantasmas, demônios e amores.

**Sophia Maciel:** Eu tenho um fio de perguntas, mas eu vou só comentar algo que é de um trecho de *Pelos Engenhos* aqui, que eu acho que casa muito com o que você tá falando de linguagem, de palavra, de lírica. Eu achei a parte muito linda: “Suavemente as letras formam sílabas e estas palavras. Suavemente as palavras formam poesia, narrativas, expressão, sentimentos, escrita, lírica. A palavra forma sentença que se quer repulsiva. A palavra se retrai e foge, resfriasse. Felizmente aparece algo, mesmo a palavra que não se quer escrever”. Eu acho que é isso. Às vezes, a gente não quer escrever aquilo pela força, pela dureza mesmo, ter que enfrentar porque é escrevivência, acontecicência, já não lembro mais como foi a palavra inventada, mas eu acho que é isso. A gente não quer escrever, mas a linguagem também tem esse poder, escrever é selecionar e combinar, às vezes essas combinações vão surgindo de uma maneira que o próprio escritor vai se enchendo. Como você mesmo falou que foi incentivado, pelo próprio Niraldo, acho que é isso, quando a gente lida com as palavras é muito bom ouvir das palavras dos outros que tá sendo agradável aquilo, aquela experiência.

**Rosival Lourenço:** Você agora me emocionou, porque eu não lembrava disso. Quando eu comecei a experimentar a escrita deste livro, né? Que depois recebeu o nome de *Pelos Engenhos*, eu estava ainda estudando na UFAL. Então foi mais ou menos em dois mil e dois, dois mil e três. E eu não lembrava. Eu acredito que a época em que nós estamos mais férteis é quando estamos na universidade mesmo. Experimentando, temos tempo pra estudar. Aí depois você se casa, tem filho, surgem novas demandas e necessidades, mas esse trecho é muito bonito, viu? Eu não recordava assim. Obrigado por ter lido.

**Pâmella Souza:** Eu tenho uma pergunta sobre *Pelos Engenhos* também, tocando nesse campo da escrevivência, eu queria perguntar o quanto tem do Vicente no Rosival, ou vice-versa?

**Rosival Lourenço:** Olha, alguns escritores negam isso, né? Porque, na verdade, eu acho que é um pouco autobiográfico, a experiência que você quis viver. O *Pelos Engenhos* é um livro machista, porque retrata uma experiência muito pesada de homens machistas. Quando vocês terminarem, vocês vão perceber isso. Então, hoje, eu pensaria se valeria a pena imergir por esse universo machista. Mas nós não tínhamos uma discussão como temos hoje, em relação ao erro do machismo, essas questões de cor, e de raça, de gênero, que nós discutimos hoje. Eu acho que vale a pena discutir e começar a evitar os erros do passado. Mas há muito do Vicente, meu pai era homem muito machista, meu pai batia na minha mãe, meu pai tinha outras mulheres, para os homens daquela época, isso era muito costumeiro. Então, hoje, eu estou tentando minimizar isso, porque, querendo ou não, quando alguém lê, alguém se inspira naquele personagem. Isso é fruto de alguém que leu muito: história de cangaceiro, que assistiu muito filmes de cangaceiro, que ouviu muito histórias de cangaceiro, da menina donzela que teria que ser salva...eu não sei em que parte vocês estão, mas se vocês tivessem lido, vocês vão entender do que eu estou falando. É uma menina que tem que ser salva, ao mesmo tempo em que ele vai atrás de um “tarado”, ele começa a relembrar a sua própria história, a sua própria trajetória, quando ele perdeu o amor da sua vida, e ele perdeu o amor da sua vida por um bando de jagunços também. Então, o *Pelos Engenhos* é uma história muito triste, muito triste, é um homem machista que era machista porque via o machismo em casa, era cangaceiro, porque viu um grupo de cangaceiro fazendo muito mal. Tem um pouco de ligação com a história de Lampião, que se tornou tão malvado porque cresceu naquele universo todo. Então tem a ver, porque a gente não pode negar essa identidade com a personagem que a gente criou. A gente não cria nada porque achou simplesmente bonito, a gente cria algo porque se identifica, o desejo de você fazer um grande mal e você não pode na vida real, e você faz na literatura. Você tem vontade de matar alguém, “poxa, alguém fez mal, vou escrever um conto matando aquela pessoa”, e na literatura quase tudo é permitido, ou tudo é permitido. As perguntas estão sendo muito boas, muito boas mesmo, parabéns!

**Pâmella Souza:** Antes de começar a entrevista, a gente acabou falando sobre isso, mas eu vou repetir a pergunta: Você mudaria alguma coisa, hoje, na sua obra?

**Rosival Lourenço:** Eu mudaria, porque, com um processo de amadurecimento, o *Pelos Engenhos* foi meu segundo livro, né? Daqui a pouco eu irei mostrar a vocês. Só que foi minha primeira experiência escrevendo, porque o meu primeiro livro foi

publicado antes de *Pelos Engenhos*, que foram uns ensaios que eu fiz na universidade, e o meu TCC. Que é *Rosa, Rosali, Rosais*, de Guimarães Rosa, “O amor e a cidade na ficção rosiana”, são dois ensaios sobre *Grande sertão: Veredas*. Um livro muito bacana, muito bacana mesmo. E aí eu comecei a entrar no mundo da narrativa com a ideia de participar de concursos, foi o Niraldo que disse “Olha, Rosival, participa no processo com *Pelos Engenhos*, o prêmio Lego”. Quando eu submeti ao prêmio Lego, o livro ainda estava inacabado. Ainda estava em processo de escrita, havia muitos nomes que foram mudados, então eu mexeria nele, sim. Retiraria algumas questões, melhoraria alguns finais, alguns começos, mas o Niraldo disse pra não mexer, então eu deixo. Você, como escritor, tem a alma inquieta e quer mexer, mas o leitor se satisfaz e talvez ele tenha o direito de pensar assim “eu gostaria de mudar”. Hoje, eu pensaria muito, vamos imaginar que a EDUFAL quisesse lançar uma segunda edição, eu iria cair em tentação, viu.

**Pâmella Souza:** Para encerrar as perguntas sobre *Pelos Engenhos*, eu tinha feito a pergunta: O que você sentiu ao terminar *Pelos engenhos*? Mas eu vou estender para: Qual é essa sensação quando você termina uma obra? Quando você finaliza aquele ciclo.

**Rosival Lourenço:** Olha, a obra nunca está acabada. Pode ser, talvez, que a narrativa escrita do livro esteja pronta, finalizada. Mas, aqui, na cabeça, os demônios, os fantasmas começam a lhe assombrar. Então a sensação de você finalizar uma história, de finalizar uma narrativa, é muito boa. Você fala: “Tenho mais nada a acrescentar”, mas depois que aquela obra é publicada você pensa “podia ter feito isso”, são sensações que invadem você que começam a te julgar o tempo todo e fica fazendo você pensar, por exemplo, por que você não dedicou o livro para aquela pessoa que era importante pra você e você simplesmente deixou sem dedicatória. A sensação de finalizar é muito boa, porque novas ideias surgem e você sente que aquela ideia precisa receber um certo olhar, mas não é pra aquele livro que você está escrevendo. E o escritor é tão confuso que ele vive a vida toda assim. Eu sou muito confuso, eu sou muito inseguro. Eu, por exemplo, não mostrava meus trabalhos a ninguém. Deixava tudo engavetado, tudo guardadinho. Então, assim, é uma sensação de tristeza porque você não tem domínio sobre a escrita, você não tem domínio sobre o que as pessoas estão lendo, sobre o que elas estão achando, sobre quem tá lendo. E aquilo começa a dominar você, e você começa a se amargar, porque você poderia fazer diferente, poderia tirar algumas questões mais pesadas, e hoje eu me arrependo muito de escrever sobre personagens tão machistas. Porque nós estamos aprendendo agora que não devemos ser machistas,

mas eu particularmente vivi numa família machista, tinha um pai machista, meu pai batia na minha mãe, e a gente achava que aquilo era normal, porque o vizinho também fazia a mesma coisa. E você escreve sobre um personagem machista, e, quando você cresce, você descobre que tudo aquilo estava errado. Frases machistas, personagens machistas, mulheres que sofreram muito e, quando você descobre, você se choca e acha até engraçado olhando um ou dois livros, e você fala: “meu Deus, como eu errei...”. Hoje eu tenho, por exemplo, o pensamento de escrever sobre essas questões mais atuais, né? Pra mostrar um outro lado de mim, o lado da tolerância, do respeito, que o mundo cabe todo mundo, todas as cores, todas as bandeiras, todas as felicidades que são possíveis, o mundo cabe tanta gente, todo mundo pode ser feliz, tem dinheiro pra todo mundo, tem praia pra todo mundo, tem roupa pra todo mundo. No passado, era o homem aqui, a mulher abaixo dele, e vocês sabem muito bem do que eu tô falando, né? Essas novas discussões, infelizmente, eu não tenho cabeça pra isso. Talvez vocês escrevam ou já começaram, ou começarão, a escrever sobre essas personagens mais modernas, mais contemporâneas, de uma mente mais alongada, mais inteligente, mas é mais ou menos isso, viu? Na escrita você sempre traz algum arrependimento, o que poderia ter sido, o que foi e o que não foi.

**Marcelle Rayra:** Quando eu abri o seu livro, antes mesmo de abrir, eu dei uma delimitada na capa e o que me chamou muita atenção foi o desenho da capa, e a sinopse. A construção dos períodos. Foi algo que, quando eu fui lendo, era uma frase, ponto. Outra frase, ponto. E ponto, e ponto, e ponto. E eu olhei: “Oxe, como assim?”. E aí, uma das perguntas que eu separei, que foi justamente isso dessa construção dos períodos, assim como pontos mesmo, que, antes mesmo de ler, eu só abrindo o livro e era um monte de frase e ponto, e eu vi que uma boa parte organizada. Eu queria saber se foi realmente intencional, se foi por causa do gênero, eu fiquei realmente curiosa para saber o motivo.

**Rosival Lourenço:** As perguntas, gente, estão sendo muito boas, viu? Depois eu quero que vocês, conheçam o *Sabalangá*. Depois eu vou presentear Marcelle com um e a Pâmella com outro, a Sophia já ganhou. E vocês vão ver que o *Sabalangá* desconstrói tudo isso que a Marcelle falou agora. O *Pelos Engenhos* é um livro estratégico, o *Pelos Engenhos* é a narrativa de um vaqueiro que começa a querer lembrar do que aconteceu quando ele era líder de um bando. E ele começa a lembrar, e as lembranças vêm aos borbotões, como disse o Nivaldo no prefácio, só que ele não lembra de tudo. Ele

acrescenta, ele diminui. Então ele lembra de uma coisinha, ponto. O ponto é uma pausa para uma próxima lembrança. E isso foi estratégico porque tem muito ponto, tem muito ponto. Isso é também pra não cansar o leitor; porque, imagina só, eu encontro um colega meu, que eu conheci há vinte, trinta anos, e a gente começa a...”Nossa, lembra daquele dia?”, “Lembro”. “Você lembra daquele dia?”. E aí uma lembrança traz uma lembrança de um passado ainda mais distante, e as lembranças se confundem no tempo. Eu pensei assim: eu encontro uma pessoa e começo a compartilhar daquele momento, de trinta anos atrás, por exemplo, e, naquele ponto de trinta anos atrás, eles começam a lembrar de pontos mais distantes ainda. Então, é preciso você colocar um ponto para definir que aquilo são lembranças que o protagonista tenta recuperar, e nem tudo realmente aconteceu. Algumas coisas ele confundiu e ele está assim o tempo todinho: “Você lembra?”, “Você lembra quando nós éramos jovens?”, “Você lembra?”. E ele conclama o outro pra lembrar, o seu interlocutor, porque ele não lembra de tudo. Ele precisa que o outro reforce as suas lembranças. Eu não vou dizer que é um monólogo o *Sabalangá*, mas o *Sabalangá* é uma narrativa toda construída com frases curtas.

**Sophia Maciel:** E essa precisão, esses cortes, essa ideia de lâmina mesmo, lembra muito o João Cabral. De que aquilo, o exato, o que corta mesmo, até pela força. Mas aí você já me deu uma outra concepção, que é isso do pensamento: do que vai, que volta, do próprio esquecimento. Eu vou parafrasear a sua obra agora. Você falou: “Tem mundo pra tanta gente”, na sua fala anterior. Aí eu digo: “Tem mundo pra tantas gentes”, como você tinha dito. Eu fiquei pensando nisso. O que você mudaria na sua obra, e houve um grande tempo de distância temporal mesmo, entre *Pelos Engenhos* e *Sabalangá*. Foram doze anos, se for contar pela edição que a gente tem aqui: *Pelos Engenhos*, 2011, e *Sabalangá*, 2023. Existem essas mudanças, você falou, às vezes as ideias que a gente tem não vão servir para aquela obra, mas vão servir para outras, né? Existe algum fio narrativo que une *Pelos Engenhos* e *Sabalangá*?

**Rosival Lourenço:** Outra boa pergunta. Oh, Sophia, antes de você fazer essa pergunta, eu ia lançar a vocês um desafio: o nome inicial do *Sabalangá* era “Contos de morte severina”. Me passou pela cabeça, conversando com o Nivaldo: “Nivaldo, o que é que você acha de ‘Pelos Engenhos – Contos?’”. Aí o Nivaldo disse: “Rosival, as ideias são muito boas”. Como o Nivaldo já foi a Viçosa e conheceu a minha família, e conheceu o *Sabalangá*, ele disse: “O que você acha de ‘Sabalangá?’”. Então, eu não teria nenhum problema em publicar o *Sabalangá* como *Pelos Engenhos – Contos*, que são

contos. O que eu mudaria em *Pelos Engenhos* se eu fosse escrever o *Pelos Engenhos* ou publicar hoje? Eu traria um pouco mais da maturidade do *Sabalangá*, até a maturidade no estilo, na escrita, na organização das ideias. Então, se...você vão ler. Claro que você vão ler. Então você vão ver que, se faltar algo no *Pelos Engenhos*, você vai completar com *Sabalangá*. Gente, se eu pegasse, por exemplo, contos do *Sabalangá* e colocasse como experiências do vaqueiro Vicente, você iam ver que isso não ia atrapalhar o andamento da narrativa. Se os contos do *Sabalangá* fossem capítulos, ou sequências narrativas de *Pelos Engenhos*, você iam ver que as obras casariam, eu acredito, sem muitas dificuldades. Então, o *Sabalangá* e o *Pelos Engenhos* são obras que se completam, talvez se distanciem pela questão, como a Marcelle apontou, o *Sabalangá* traz-parágrafos mais longos. A Sophia, se já deu uma olhada, ela pode perceber isso de cara. O *Pelos Engenhos* traz frases curtas, laminadas: uma frase, ponto. Uma frase, ponto. O *Sabalangá*, não. O *Sabalangá* é um livro que não deixa você tomar fôlego. É muita intensidade. O *Pelos Engenhos*, não. Como são memórias, você precisa realmente pensar no que aconteceu pra contar pra alguém, porque senão você se perde na contação das lembranças. Mas os dois, pra mim, são esse caso. Talvez um seja homem, e o outro seja mulher. Ou talvez duas mulheres, talvez dois homens, como a gente hoje vê que isso é muito possível, graças a Deus. Então talvez sejam dois ou três que se casem, mas o que eu quero dizer que *Sabalangá* e *Pelos Engenhos* se casem.

**Sophia Maciel:** É muito bom saber disso, até mesmo antes de adentrar a obra, porque, como você disse, nenhum livro tá acabado. Eu acredito fielmente nisso, porque acredito muito na estética da recepção também, né? Cada um vai receber aquele livro e era seu, quando tava nas suas gavetas, né? Foi publicado, foi pra circulação, agora é nosso. Então a gente vai criando teorias, vai criando hipóteses mesmo sobre as personagens. E é muito interessante isso, como a gente abraça o livro, né? Eu confesso que eu tô muito ansiosa pra ler *Sabalangá*. E quando Marcelle fez a pergunta sobre se existia alguma relação com Graciliano Ramos também, e eu tô lendo *Pelos Engenhos* e também comecei *São Bernardo*, aí eu ficava olhando assim: “Gente, por mais que sejam gêneros parecidos, há diferenças, né?” Essa questão da pontuação, por exemplo, estaria mais ligada a *Vidas Secas*, que tem muito isso do direto, né? do ponto, que corta, e tudo. Já *São Bernardo* é muito mais corrido, ele vai contando, tem muito diálogo. E eu amei a experiência da entrevista, as nossas perguntas, que a gente planejou, terminaram, mas acho que foi um diálogo muito delicioso mesmo, conhecer um pouco mais de você, da sua obra, das suas obras, na verdade. E tô muito feliz, de verdade, gostei bastante pela

sua recepção também com a gente, muito obrigada mesmo. Se as meninas tiverem mais alguma pergunta, ou se você também tiver alguma pergunta, ou soltar alguma coisa pra gente dialogar mais, “tamo” aí, viu?

**Rosival Lourenço:** Eu é que agradeço, né? Só posso dizer a vocês o seguinte, viu: em relação a, muito rapidamente, em relação a *Sabalangá* e *Pelos Engenhos*. Se vocês puderem ler o *Sabalangá* sozinhas, no quarto fechado ou, sem interrupção, sem barulho, porque é um livro que traz um pouco do erotismo. Sem matar a qualidade da narrativa. Se vocês lerem o *Sabalangá*, vocês vão ver que se diferencia também do *Pelos Engenhos* nisso, porque o *Pelos Engenhos* não explora esse lado mais erótico. O *Sabalangá* explora muito. As personagens do *Sabalangá*, tanto homens quanto mulheres, são muito, muito eróticas. Um outro livro meu é esse aqui, *Retratos de Maceió*, é um livro de contos, bem fininho, quarenta e duas páginas. Foi também na época em que eu estava na UFAL, eu só tenho esse também. Um outro livro é o *Auto da Quaresma*, a segunda edição. o *Auto da Quaresma*, gente, vai sair, talvez ano que vem, uma terceira edição, estou trabalhando nele. É uma narrativa muito incessante, que pode ser comparada com *Auto da Compadecida*, com *Decamerão*, *Auto da Quaresma* é um nome estratégico, já que se trata de quarenta dias de peregrinação. Esse daqui não tem nada a ver com o tipo de escrita, esse aqui é uma escrita mais clássica. Um livro muito bacana, muito lindo, é um livro com oitenta páginas, é um romance curto também, a ponto de bala, você lê, por exemplo, em duas, três horas. Você vai ver que não tem nada a ver com a minha experiência de escrita. Se você lesse, e alguém perguntasse de quem é, você não ia saber, por exemplo, que era meu, pela questão de *Pelos Engenhos* e *Sabalangá*. Foi muito bom ouvir vocês, aprender com vocês, estou aqui pra qualquer dúvidas que vocês possam surgir. Eu queria ter um momento depois pra entregar a Marcelle e a Pâmella um exemplar de *Sabalangá*, mas a gente pode ver isso depois, tá certo? Gente, muito obrigado. Eu sou muito, assim, muito...eu falo muito simples, né? Eu não trago teorias, eu não trago palavras bonitas, só mesmo assim a experiência que eu tenho, até porque, como alguém perguntou, não sei se foi a Pâmella ou foi a Marcelle, as personagens, na verdade, são um pouco de mim até na própria linguagem. Que a gente não domina completamente a linguagem. Quanto mais a gente tenta embelezar, mais a gente se complica e perde um pouco do controle.

**Marcelle Rayra:** Perfeito. A gente que agradece, foi ótimo, eu consegui tirar muita coisa que, eu vou ficar refletindo bastante mesmo depois que a reunião acabar, porque,

muitas frases, muitos comentários que a gente vai guardando, né? E vou pensar bastante nisso ainda. Muito, muito, muito bom.

**Sophia Maciel:** Acho que é isso. Obrigada, mesmo. A gente vai aí ainda se falando, pensando junto. Espero que essa parceria não fique só até o final desse projeto, porque eu gostei realmente de conhecer você, conhecer sua obra. Obrigada, mesmo. Tchau, tchau, gente.